

DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E ARTE: ANÁLISE DE ALGUMAS PAISAGENS DE JOÃO CABRAL¹

Educación geográfica

José Elias Pinheiro Neto (USP/SP – UEG)
joseeliaspinheiro@hotmail.com

Lara Ferraz Rocha Pacheco (UEG)
cantoralaraFerraz@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar diálogos existentes entre Geografia e Literatura, realizado por vários especialistas que defendem como objeto de estudo da ciência geográfica requisitos encontrados em contos, poemas, romances e entre outros textos literários. Essas questões nos conduzem a esse caminho dialético entre Ciência e arte que no decorrer do estudo apresentamos elementos de contribuições que sustentam o objeto da presente pesquisa, sem, contudo, confundir as áreas que porque não queremos tratar de uma “[...] “geografização” de obras literárias nem de uma “literaturização” das temáticas geográficas” (CASTRO, 2010, p. 51, grifos do autor). Existe uma relação muito forte entre a imagem e a experiência de vida daquele que decifra o que vê. A história que envolve toda sua trajetória no decorrer da existência é que constrói e seleciona, no homem, cada forma vista, para entender a imagem a ser decodificada. Aí estão entrelaçados os símbolos, percepções, as atitudes e os pensamentos que nunca serão iguais, nem mesmo para duas pessoas residentes numa mesma localidade. Cada ser humano sente o mundo de uma maneira particular. E as particularidades do poeta e do leitor são representadas por imagens, onde estão adicionadas suas subjetividades, cada qual com suas experiências vividas. Geografia e Literatura. Esse imbricar, entre ciência e arte, está em franca ascensão na seara geográfica. Os pesquisadores desse campo do conhecimento direcionam grande destaque para o modo como essa concatenação transdisciplinar tem-se realizado. O estudo da Geografia problematizado a partir da arte chama atenção dos geógrafos desde muito tempo, como escreve Marandola Jr e Gratão (2010), ensinando que especialmente a literatura tem sido o melhor aporte para esses cientistas. Com intuito em estudar categorias como: região, paisagem e lugar, compreendendo-os sob à luz subjetiva dos escritores/poetas, “Assim o fizeram John K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1947), para citar apenas alguns” (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p. 8). No Brasil esse estudo também se desenvolve há alguns anos, com vários trabalhos e dentre eles podemos apontar alguns. Nesse sentido, este trabalho, articula no âmbito geográfico algumas reflexões cognoscíveis que representem a realidade por meio da tênue linha que a separa da ficção, percebendo e identificando as tessituras textuais das paisagens cabralinas ao longo do Capibaribe.

Palavras-chave: Literatura; Geografia; Paisagem.

¹ Este trabalho tem apoio financeiro da Universidade Estadual de Goiás (UEG), por meio do Programa de Auxílio Eventos (Pró-Eventos). E também, é resultado de parte do projeto de pesquisa cadastrado na Universidade Estadual de Goiás (UEG), junto à Pro-Reitoria de Pesquisa, com o título: GEOGRAFIA E LITERATURA: tramas de aproximação científica das imagens cabralinas.

Considerações iniciais

O interesse em estudar obras literárias, analisando-as a partir de um viés geográfico, se fortifica com os franceses na década de mil e novecentos e quarenta e destaca como ideia primordial, a valorização e a recuperação de categorias da Geografia existentes em contos, poemas, romances e demais textos de cunho literário. Todavia, é no início dos anos setenta que os geógrafos trazem mais pesquisas embasadas no recurso literário. Isso ocorre, também, pela necessidade de estudar as relações entre Homem e Natureza. O primeiro está imbricado na segunda, ou seja, o Homem é Natureza, uma vez que antes de ser social ele é biológico.

Sobre o início desse estudo aparece Monbeig dizendo: “[...] tentado a escrever que, depois de seu renascimento moderno, a geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica. E que, efetivamente, elas têm um campo comum: a descrição de paisagem.” (1940, p. 225). Atualmente, encontramos alguns geógrafos que abordam estudos tendo como recurso o material literário disponível.

Existe uma relação muito forte entre a imagem e a experiência de vida daquele que decifra o que vê. A história que envolve toda sua trajetória no decorrer da existência é que constrói e seleciona, no homem, cada forma vista, para entender a imagem a ser decodificada. Aí estão entrelaçados os símbolos, percepções, as atitudes e os pensamentos que nunca serão iguais, nem mesmo para duas pessoas residentes numa mesma localidade. Cada ser humano sente o mundo de uma maneira particular. E as particularidades do poeta e do leitor são representadas por imagens, e nelas estão adicionadas suas subjetividades, cada qual com suas experiências vividas.

Abordagens entre Geografia e Literatura

Essa relação se mostra entre ciência e arte, crescendo cada dia mais e os pesquisadores desse campo do conhecimento direcionam grande destaque para o modo como essa concatenação multidisciplinar tem-se realizado. O estudo da Geografia feito a partir da arte já chama atenção dos geógrafos desde muito tempo, como escreve Marandola Jr e Gratão (2010), ensinando que especialmente a literatura tem sido o melhor aporte para esses cientistas.

Com intuito em estudar categorias como: região, paisagem e lugar, compreendendo-os sob à luz subjetiva dos escritores/poetas, “Assim o fizeram John K. Wright (1924), Pierre Monbeig (1940), Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1947), para citar apenas alguns” (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p. 8). No Brasil esse estudo também se desenvolve há alguns anos. Com vários trabalhos, dentre eles podemos apontar alguns.

Em um estudo sobre Região, Oliveira e Machado (1971) utilizaram o recurso literário para analisar a categoria com os alunos do segundo ano colegial, o que seria hoje o ensino médio. E também como aqueles alunos identificavam e relacionavam o espaço geográfico com outros conceitos estudados e expressos numa linguagem poética, dentro de um contexto espacial e temporal. O poema utilizado foi “Morte e Vida Severina”. Nesse sentido, Frémont afirma que “é uma nova Geografia que se há de inventar, rompendo as divisórias entre as disciplinas, com geógrafos abertos à literatura e à arte e homens de letra a par da Geografia. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço.” (1980, p. 89).

Ferreira (1990) defende sua dissertação, analisando, dentro da obra ‘Grande Sertão: Veredas’ de João Guimarães Rosa, a percepção geográfica da paisagem dos gerais. Marandola (2007) traça o caminho percorrido por Severino, sua fuga da morte e a busca por mais vida. A autora faz um contraponto entre morte e vida, seca e água, comparando o rio com o homem. Afirmando “[...] até os rios são severinos” (MARANDOLA, 2007, p. 85).

Sousa (2008) analisa e faz uma apresentação da cidade de Goiânia, como objeto para sua pesquisa utiliza a obra ‘Viver é devagar’ do goiano Brasigóis Felício. E, Cirqueira (2011) identifica as paisagens na obra ‘Veranico de Janeiro’ do escritor goiano Bernardo Élis. Ainda, apresentamos algumas obras que são especificamente direcionadas ao estudo em tela: ‘Geografia e Literatura: ‘Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação’ organizado por Marandola Jr e Gratão (2010); ‘Literatura e Paisagem: perspectivas e diálogos’ organizado por Alves e Feitosa (2010), e por último, ‘Geografia, Literatura e Arte: reflexões’, organizado por Silva e Silva (2010). Todas essas obras apresentam trabalhos diversos, no entanto abordam para o mesmo tema: Geografia, Literatura e arte.

Uma relação poética relatada por paisagens

A literatura sempre teve um papel importante na evolução histórica do homem. Ela descreve as manifestações culturais, sociais, políticas, econômicas e entre outras. E poema, romance e/ou qualquer outra expressão artística podem contribuir, de certa forma, para o estudo da Geografia, seja na transcrição da experiência dos lugares, nas transformações espacial, na delimitação territorial, no descrever a percepção da paisagem ou outra abordagem intrínseca ao estudo geográfico, numa perfeita relação entre a ficção e a realidade.

A arte aproxima-se do real, mesmo resultando da ficção, como é o caso da literatura. Esta realidade é fruto das relações, sejam elas culturais, sociais, econômicas, entre outros, que ocorrem entre os seres. “Por isso a ficção é tanto mais real quanto mais for ficção, fingir é revelar” (CASTRO, 1999, p. 48). Neste sentido, podemos entender que a literatura é um dos caminhos para

se compreender o mundo perceptível na forma com que ela lida com os diversos aspectos da vida do homem, um desses aspectos é o espaço, tanto fictício quanto real. Por meio das ações e sentimentos do personagem ficcional, podemos perceber a relação existente entre o homem e o lugar em que vive. E estas relações, na formação do espaço geográfico, são partes integrantes do imbricar que o indivíduo e/ou grupo sentem do lugar em que estão ou estiveram.

Este sentimento é despertado pela percepção social que forma as representações das paisagens ou de imagens filtradas pela percepção humana, que está diretamente ligada às experiências vividas. Então, a Geografia pode sem diminuir sua essência, sem perder seu teor científico, aportar na literatura, com objetivo de buscar outras fontes para identificação de suas categorias. É uma multidisciplinaridade de grande relevância, o pesquisador constrói e identifica o espaço e a paisagem real, coletando informações preciosas em obras ficcionais.

Isso se dá porque o texto está além do escritor. Reflete seus (des)sabores. Como nos ensina Suzuki (2010), ao tomar como objeto de sua pesquisa a poesia de Carlos Drummond de Andrade para estabelecer uma relação existente entre modernidade, cidade e indivíduo. No trabalho, o referido autor analisa a composição do ser e de suas partes no contexto citadino a partir do poema *A Rosa do Povo*. Nesse sentido ele escreve que:

Temos como referência a noção de poeta como sujeito ficcional, em que se mesclam elementos próprios da história pessoal do intelectual (o indivíduo histórico) e os inerentes à construção da obra poética. [...], a leitura da obra poética em si e em suas mediações com a história pessoal do escritor e a história da cidade em que viveu, cujos vínculos foram sendo construídos na história de um e de outro (SUZUKI, 2010, p. 247).

A Geografia está presente nas manifestações artísticas, tanto quanto a História, Filosofia e demais ciências. É bem comum avaliarmos as viagens, as relações ou as representações sociais descritas na arte. Como por exemplo, discutirmos a formação territorial do Rio Grande do Sul em *O Tempo e o Vento*, escrito por Érico Veríssimo. Os textos transcendem suas capas e o próprio homem em constante evolução. Como afirma Fuentes (2007, p. 189), “A geografia do romance nos diz que a nossa humanidade não vive na gelada abstração do separado, mas no latejo cálido de uma variedade infernal que nos diz: ‘Não somos ainda. Estamos sendo’.”.

A literatura abre objetos que embasam a construção científica do conhecimento. Forma novos ares a serem respirados na junção de novas ideias, novas objetividades. O que nos remete a utilização do texto literário, como objeto de pesquisa, para a ciência geográfica. E chave mestra nesse contexto é a percepção, porque a “[...] imaginação redimensiona as realidades, reconstrói o mundo e a relação do ser humano com ele e faz emergir a imagem poética da alma e do coração do ser humano” (ARAUJO, 2010, p. 35). A ficção e a realidade são aproximadas pela

literatura. E a subjetividade, no entender das questões analisadas, aporta subsídios perceptivos ao analista para compreender seu objeto de pesquisa.

A experiência resultada do trabalho emitido pelo escritor carrega consigo uma transmissão subjetiva de seu conhecimento, trazendo à vida uma relação entre o homem/personagem e o mundo que o rodeia. Esta relação nos permite ampliar a compreensão de abordagens em vários aspectos do cotidiano humano. Dentro desses aspectos é que podemos identificar fenômenos a serem filtrados pelo leitor e aproximar a percepção de categorias geográficas estudadas a partir do texto literário. Porque

As obras literárias, mesmo não pretendendo ser e não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia inoficial. Na medida mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhes permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial, comprometida com as omissões, cortes e deformações que as relações de produção lhe impõem (KOTHE, 1976, p. 78).

Geografia e literatura. Essa aproximação apresenta fenômenos, aportes e/ou fundamento epistemológico que embasam o presente estudo, o filtro realizado pelo pesquisador, subjetivo, que dá, através da literatura, a experiência de mundo. E, como agente modificador da paisagem, “[...] o homem utiliza a percepção para analisar a própria ação.” (PINHEIRO NETO; CAVALCANTE, 2010, p. 135). Ainda nesse sentido, Gratão, ao fazer um estudo da poética da cidade de Goiás, afirma que ela

[...] não é a mesma para aqueles que chegam e a veem do alto do Planalto, do topo da Serra Dourada ou das margens do Rio Vermelho, ou para cada um de seus habitantes que (per)correm por cada um dos seus becos. Ela é experienciada e vi(vi)da de maneira diferenciada por cada um que mora e vive na cidade (2010, p. 313).

A autora justifica sua fala no sentido de buscar no imaginário, fatos reais ou existências ficcionais. Onde a arte corre ao encontro, em sua experiência, das realidades de uma cidade. “Um descobrir experiencial e vivencial que (des)vela as ‘coisas mesmas’ no espaço existencial.” (GRATÃO, 2010, p. 313). Um caminho desafiador das ‘gavetas’ tradicionais do conhecimento, descobrindo novos caminhos a serem trilhados na busca da realidade estrutural da ciência geográfica. A poética de João Cabral demonstra um caminho geográfico. E ainda, mostra as subjetividades da percepção da paisagem, que se dá pelo autor do poema, pelo protagonista e pelo leitor, esse último reescreve a obra, no sentido de, também, apresentar suas considerações sobre a percepção da realidade ‘ficcional’ analisada.

Ao pesquisarmos o espaço literário em João Cabral podemos perceber que o autor aponta o clima seco do sertão que marca o tempo que Severino levou para fazer sua travessia. Vejamos:

- Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e às vezes até festiva;
só a morte tenho encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina

(MELO NETO, 1983, p. 79).

No trecho citado acima João Cabral por meio da ficção passa ao leitor uma visão crítica e social da vida sofrida do povo nordestino e com alguns trechos em seus poemas conseguiu transmitir todo o desconforto da situação vivida pelo povo.

- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
essa foi morte matada,
numa emboscada.
[...]
- E o que havia ele feito
irmão das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
- Ter uns hectares de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada que cultivava.
[...]
E era grande sua lavoura,
irmão das almas,
lavoura de muitas covas, tão cobiçada?

(MELO NETO, 1983, p. 73-74).

O protagonista segue o caminho e vê a cena de uma pessoa sendo enterrada, e busca descobrir o que aconteceu. Ao desvendar o que havia ocorrido com aquele homem que lutou a vida inteira em busca da divisão justa de terras e depois de tanto batalhar o único pedaço de terra que lhe sobrou foi aquele em que estava sendo enterrado. É aqui que percebemos que João Cabral faz uma citação ao movimento social, Pinheiro Neto e Cavalcante corroboram essa fala dizendo que “os movimentos sociais já seriam introduzidos no contexto daquela época em função de proteger os pequenos lavradores que buscavam seu sustento se, não efetivamente, mas com referencial teórico para futura instituição (2009, p. 82)”.

Para Márcia Feitosa “Perceber a paisagem significa uma maneira de ver, de compor o mundo externo numa “cena” [...] a paisagem configura-se como uma marca, dado que expressa não só uma civilização, [...] participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação.” (2010, p. 164). A percepção revela o homem que a descreve, tanto o escritor quanto a imagem descrita, porque ela “[...] constitui um documento chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado [...]” (CLAVAL, 1999, p. 14).

Por último, vale mencionar, a concepção dada por Antonio Feitosa (2010), sobre a percepção da paisagem. Ele escreve que é, para os animais, resposta as cenas e visões que são captadas por um ou mais sentidos. Ele continua afirmando que em nós seres humanos a percepção da paisagem está coberta por “[...] características particulares, em face os atributos e da intencionalidade do perceptor, podendo se constituir em um simples registro ou implicar desdobramentos sucessivos pelas relações suscitadas.” (FEITOSA, 2010, p. 36). São aspectos importantes para a formação de um todo. Os sentidos que moldarão o leitor na formação das paisagens.

O recurso textual como fonte do estudo científico é uma ponte entre o escritor e o leitor que recebe uma informação da realidade de pessoas ou coisas que, depois de criadas e/ou personificadas, fazem parte do universo. É preciso um estudo temporal e espacial com o intuito de identificar o espaço do que foi criado e, é a representação da realidade dando ao leitor recursos concretos que devem ser estudados num processo dicotômico entre o espaço e o tempo. Pois, “[...] não podemos formar uma ideia de paisagem a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas com o espaço” (SAUER, 1998, p.42).

Considerações finais

A junção da Ciência geográfica e da arte, em nosso caso a literária, carece ainda de estudos aprofundados. Porque o objeto para esse estudo é muito vasto e a cada dia cresce com novas obras geográfico/literária e/ou literária/geográfica. Elas não se misturam e muito menos se distanciam, mas interconectam-se numa perfeita simbiose. E esse conectar nos permite analisar de forma particular cada cena/paisagem retratada durante a leitura de um romance ou conto, por exemplo, levando a novas e mais detalhadas percepções daquilo que fora escrito pelo autor, uma vez que se considera o espaço, meio e a situação em que este utilizou para escrever sua obra, que nesse aspecto se transforma em arte geográfica literária.

Podemos salientar que os diálogos entre Literatura e Geografia, estão interligados ao modo como são decifradas as intenções, de quem escreve para aquele que lê, neste aspecto leva-se em consideração o imaginário, o conhecimento de mundo e a sensibilidade do leitor para desenvolver a compreensão das imagens codificadas presentes nas obras literárias, que se transformam em paisagem recheadas de sentimentos e subjetividades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de. Em busco do poético do Sertão: um estudo de representações. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; RATTS, Alecsandro J. P.

Geografia: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

ARAUJO, Heloísa Araújo de. Geografia e Literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador – BA. Edufba. 2010.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARBOSA, Frederico. *Estudo de Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*. Disponível em: <http://fredbar.sites.uol.com.br/mvsenr.html>, Acesso em: Agosto de 2008.

CASTRO, Manoel Antônio. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Rogel. et al. *Manual de teoria literária*. 12a ed. Petrópolis: Vozes. 1999.

CASTRO, Janio Roque Barros de. Os sertanejos e o sertão vistos na/da capital da Bahia e as diferentes leituras/vivências da cidade de Salvador em duas obras de Jorge Amado. In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador – BA. Edufba. 2010.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. As paisagens de Bernardo Élis na Obra Veranico de Janeiro. In: *Ateliê Geográfico*. v. 5, n. 3, UFG. 2011.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Tradução de Luiz F. Pimenta e Margareth de Castro A. Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.

COUTINHO, Afrânio. *Crítica e teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1987

_____. 1999. *A literatura no Brasil*. vol.V, 5. ed. São Paulo: Global.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, I. F; FEITOSA, M.M.M. *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro, Editora da UFF. 2010.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. A percepção da paisagem na literatura africana de língua portuguesa: o romance terra sonâmbula, de Mia Couto. In: ALVES, I. F; FEITOSA, M.M.M. *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro, Editora da UFF. 2010.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. *A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: Veredas”*. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Tradução de António Gonçalves, Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

FUENTES, Carlos. *Geografia do romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

GRATÃO, Lúcia H. B. *A poética d’ “O Rio” – ARAGUAIA! De Cheias... &...*

Vazantes... (À) *Luz da Imaginação!*. 2002. 354 f. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamin*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MARANDOLA, Janaina de Alencar e Silva. *Caminhos de morte e de vida o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro. 2007.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura – ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MELO NETO, João Cabral. *Morte e Vida Severina e outros poemas em voz alta*. 18. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

MONBEIG, Pierre. *Ensaio de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

OLIVEIRA, Livia de; MACHADO, Lucy Marion. Um estudo sobre a aprendizagem de região. *Boletim de Geografia Teorética*. n. 2. AGETEO. Rio Claro-SP, 1971

PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. Revista do Curso de Letras do Campus de Catalão-UFG. *O espaço e as mortes em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*. In: Linguagem Estudos e Pesquisas. Volume 13 - Catalão/2009.

PINHEIRO NETO, José Elias; CAVALCANTE, Maria Imaculada. Considerações sobre o conceito de paisagem: uma abordagem literária nos aspectos geográficos. In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador – BA. Edufba. 2010.

SAJA, José Antonio. *Fazer-o-real: arte enquanto documento*. In: SILVA, M. A.;

SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador – BA. Edufba. 2010.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção*. 4a ed., 2 reimp., São Paulo: Editora da USP, 2006.

SAUER, Ortwin Carl. A morfologia da paisagem. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

SILVA, Cássia Maria Pernambuco Peixoto da. *Vidas Secas, livro e filme, uma abordagem sobre o imaginário geográfico do sertão semiárido nordestino*. In: SILVA, M. A.; SILVA, H. R. F. da. *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador – BA. Edufba. 2010.

SOUSA, Andreia. Aparecida Moreira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício . *O diálogo entre geografia e literatura: a representação de Goiânia na obra Viver é devagar*. Ateliê Geográfico, v. 2, 2008.

SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. *Geografia e Literatura: apresentação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2008.

SUZUKI, Júlio Cesar. O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade: uma leitura de “A rosa do povo”. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia & Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina, EDUEL, 2010.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar. a perspectiva da experiência*. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel. 1983.

_____. *Paisagens do medo*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: UNESP, 2005.